

---

# QUANDO OUTRAS LINGUAGENS ENTRAM EM CENA: OS DESAFIOS E APRENDIZADOS DE UMA EXPERIÊNCIA

## WHEN OTHER LANGUAGES ENTER THE SCENE: THE CHALLENGES AND LESSONS FROM A EXPERIENCE

Maria José Martinelli Silva Calixto<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** O presente texto é resultado das reflexões acerca de um trabalho desenvolvido, no período de fevereiro de 2015 a dezembro de 2015 (totalizando 15 intervenções) que visou, via filmes, música, leitura e outros recursos, ampliar a experiência social, cultural e, sobretudo, lúdica, das meninas abrigadas na Associação Douradense de Assistência Social Lar Ebenezer, em Dourados-MS, procurando contribuir para a formação humana e cidadã, para o desenvolvimento afetivo e para o reforço da autoestima. Por intermédio da construção de caminhos, que pudessem despertar para novos comportamentos ou diferentes formas de percepção e leitura da realidade, buscou-se auxiliar nos conteúdos escolares, contribuindo, de forma mais ampla, no processo de inclusão social. De forma lúdica, buscou-se desenvolver habilidades e noções de socialização, comunicação (verbal e corporal), expressão de sentimentos e espírito de colaboração, por meio de atividades que possibilitam o desenvolvimento da criatividade, a interação e o relacionamento em grupo.

**Palavras-chave:** Abordagem multidisciplinar. Caminhos metodológicos. Outras linguagens. Crianças abrigadas. Desafios.

**ABSTRACT:** The present text is a result of the reflections on a work carried out from February 2015 to December 2015 (totaling 15 interventions) that aimed, through films, music, reading and other resources, to broaden the social, cultural and, above all, ludic experience of the girls housed in the Douradense Association of Social Assistance “Lar Ebenezer”, in Dourados-MS. This work aimed to contribute to human and citizen formation, to the affective development of the children and to the enhancement of their self-esteem. Through constructing the development paths that could awaken new behaviors or different forms of perception and reading of the reality, we sought to help in school content, contributing,

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia: Mestrado e Doutorado da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. E-mail: mjmartinelli@yahoo.com.br.

Artigo recebido em julho de 2019 e aceito para publicação em outubro de 2019.

more broadly, to the process of social inclusion. In a playful way, we sought to develop skills and foundations of socialization, verbal and corporal communication, expression of feelings and spirit of collaboration - through activities that boost the development of creativity, deepen the interactions and strengthen group relations.

**Keywords:** Multidisciplinary approach. Methodological paths. Other languages. Sheltered children. Challenges.

## INTRODUÇÃO

[...] É verdade que o mundo não se limpa de guerras, não se lava de sangue, não se corrige do ódio. É verdade. Mas é igualmente verdade que nos aproximamos de uma evidência: os violentos se refletem no espelho do mundo e seu rosto não é bonito nem para eles mesmos. E continuo acreditando na possibilidade do amor. Tenho a certeza do entendimento entre os seres humanos, logrado sobre o sofrimento, sobre o sangue e sobre os cristais quebrados. (NERUDA, 1977, p. 277)

Este texto configura-se como um relato de experiência<sup>2</sup> e vincula-se ao projeto “*Acompanhamento de crianças e adolescentes abrigados - desafios para conquista dos direitos humanos e inclusão social*”<sup>3</sup>.

O referido projeto partiu de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo as áreas de Psicologia, Geografia<sup>4</sup>, Artes Cênicas, Letras, Nutrição e Pedagogia da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD e tinha como objetivo central tornar o abrigo, mesmo em seu caráter transitório, um local de formação e viabilização de atividades pautadas nos direitos e na dignidade da pessoa humana. Assim, esperava-se, por meio do fortalecimento das ações e, de acordo com a proposta do projeto: *indicar medidas importantes no setor público, que possam orientar ações de prevenção à violência, atenção integral à criança e ao adolescente e políticas públicas que tornem a lei algo presente na vida das pessoas, para além de um documento formal.*

O Lar Ebenezer<sup>5</sup> (Lar Hilda Maria Correa) é uma entidade mantida financeiramente por meio de doações, captação de recursos na comunidade e convênios firmados com outras instituições. No início desta ação contava com 12 meninas, na faixa etária de 07 a 13 anos, que encontraram no projeto uma oportunidade de descobrir, no mundo dos filmes, da leitura, da dança e da música, um universo lúdico, fortalecendo exemplos e atitudes que ajudam a enfrentar situações reais e concretas da vida.

Buscando apresentar os caminhos e desafios dessa ação<sup>6</sup>, o presente texto, além desta Introdução e Considerações Finais, está estruturado em 3 partes, que consideram:

- 1 - A experiência com outras linguagens e os desafios enfrentados na tentativa de construir os caminhos do aprender ensinando.
- 2 - Os caminhos metodológicos adotados para o desenvolvimento das atividades.
- 3 - Os apontamentos sobre o trabalho com outras linguagens, por meio de um breve relato das atividades desenvolvidas com filme, música e outros.

## 1 A EXPERIÊNCIA COM OUTRAS LINGUAGENS: DO DESAFIO À TENTATIVA CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS

O primeiro contato com a realidade do Lar Ebenezer, ocorreu na última semana do mês de fevereiro de 2015 e visávamos estabelecer a aproximação/interação inicial entre as meninas institucionalizadas e o grupo de bolsistas vinculados ao projeto. Assim, priorizou-se o conhecimento do local, do ambiente de trabalho e das meninas.

Nessa visita percebemos que o abrigo contava com amplas áreas, inclusive, verdes, sala de estudo, entre outros ambientes que possibilitariam desenvolver satisfatoriamente as atividades. Contava com uma sala de vídeo, com brinquedoteca que, apesar de bem equipada e de contar com material recém-adquirido, necessitava de acompanhamento para que pudesse, de fato, cumprir o seu papel.

Naquele momento, o local contava, conforme já apontado, com 12 meninas que, embora com características e realidades bem diferentes, possuíam algo em comum: a ausência de uma família.

Logo após o primeiro contato, nos deparamos com alguns desafios: a) a diferença de idade das meninas (que ia de 07 a 13 anos); b) os diferentes níveis de alfabetização, sendo que algumas meninas não dominavam a leitura e a escrita; c) a rotatividade (devido a cursos realizados nos mesmos dias e horários da ação) ou mesmo a chegada de novas meninas ao abrigo.

Tais desafios nos levaram aos seguintes questionamentos: a) Como se aproximar da realidade dessas meninas? b) Como promover o diálogo via linguagem do cinema, para meninas na faixa de 07 a 13 anos, sendo que algumas, sequer, eram alfabetizadas? c) Como trabalhar de forma a despertar a atenção de uma demanda tão diferenciada?

Nesse momento ficou clara a necessidade repensarmos a construção de caminhos que pudessem promover a aproximação, o tecer de laços, a comunicação e, por consequência, a implementação da ação. Para tal, não poderíamos nos prender estritamente a conteúdos das matérias escolares, mas, trazer reflexões por meio de atividades diferenciadas e, sobretudo, lúdicas.

Os questionamentos iniciais levaram a outros questionamentos: de que forma o uso de outras linguagens poderia servir de suporte para trabalhar diferentes conteúdos, temas, significados e conceitos utilizados no cotidiano? Como poderia ampliar o universo lúdico, cultural, assim como as expressões verbal e corporal, servindo como subsídio ao próprio processo de escolarização? Ou seja, como partir de uma perspectiva que pudesse contribuir para a formação, aguçando os sentimentos de afetividade, as emoções ou mesmo funções mentais?

Tínhamos claro que o abrigo era uma forma de proteção à integridade física e psicológica de meninas que estavam distantes de suas famílias, necessitando ter no local, e durante o tempo de permanência nele, apoio em diversos campos para construir subsídios para a sua reinserção social, desenvolvimento afetivo ou mesmo cognitivo.

A partir dessas preocupações começamos a pensar em alternativas ou caminhos que pudessem tornar a atividade viável e, ao mesmo tempo, importante e prazerosa. Despertamos para o fato que, mais do que trabalhar conceitos, tornava-se premente a inserção no universo lúdico, haja vista que, a muitas daquelas meninas, o próprio direito a infância havia sido negado e era importante possibilitar o exercício do seu direito de brincar e, num sentido mais amplo, do seu direito de ser criança.

Tínhamos em mente o que nos assegura Rosa: *Quando a criança constrói o seu conhecimento a partir de suas brincadeiras e leva a realidade para o seu mundo da fantasia, ela transforma suas incertezas em algo que proporciona segurança e prazer, pois vai construindo seu conhecimento sem limitações.* (2002, p. 26)

Também percebemos que atritos, decorrentes das diferenças existentes entre as meninas, inclusive de idade, eram constantes. Sendo assim, tornou-se claro para nós a necessidade de contemplar discussões que envolvessem o respeito às diferenças.

Nossas inquietações, sobre a melhor forma de promover o processo de aproximação e adentrar naquele universo, foram ao encontro das inquietações de alguns bolsistas ligados ao Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Letras e de um acadêmico do curso de Artes Cênicas do programa.

Visto que partilhávamos de dúvidas e inquietações comuns, e que tínhamos uma formação diversa, optou-se por utilizar uma linguagem mais plural, apoiada em atividades como: contação de histórias, desenhos, pinturas, desafios, jogos, história em quadrinhos, poesia, teatro e, sobretudo, música, que, visivelmente, promoveu a descontração e entrosamento inicial.

Aqui vale ressaltar que, no geral, as meninas apresentavam um comportamento disperso e, portanto, um dos desafios era assegurar a própria atenção delas, estimulando a observação visual por meio da imagem-som.

Por outro lado, atualmente, as diferentes mídias possibilitam o excesso de informações que precisam ser trabalhadas e acompanhadas de orientação adequada. Isso sem dúvida, reforçava o nosso desafio em fazer com que as atividades pudessem possibilitar caminhos de reflexão, fazendo pensar como as próprias relações sociais são construídas, a partir da história e trajetória de vida de cada uma ou mesmo como podem empregar as informações e questões presentes, por exemplo, no filme para estabelecer, inclusive, relações escalares que podem ir do local em que vivem, ao mundo.

Portanto, nos encontrávamos diante de outro desafio: nos abrir a novas formas de trabalho, nos permitindo “ouvir” o que tinham a dizer e nos deixando contagiar pela experiência mútua. Com essa preocupação, atentamos para o alerta de Manoel de Barros (2010) que, poeticamente, desafia nossas prudências de adultos, na possibilidade de (re) inventarmos, quando aponta que: *Não quero saber como as coisas se comportam. Quero inventar comportamento para as coisas.*

Tratava-se ainda de aguçar as nossas próprias percepções a fim de aprender a “ouvir” o que tinham a dizer; valorizando a forma com que, cada uma se expressava, prestando atenção em cada gesto, ênfase dada etc. Ou seja, tornava-se necessário construir alguns caminhos metodológicos pautados, inclusive, na “arte” da escuta.

## **2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS ADOTADOS**

Pautados nessas preocupações, além das ações de planejamento e supervisão, foram realizadas intervenções semanais<sup>7</sup>, que buscaram:

- a) Contemplar atividades e dinâmicas que envolveram leitura, música, representação (teatro), filmes, parlendas, desenho, pintura etc.
- b) Trabalhar com temas como violência, cultura, modernidade, respeito e afetividade, contribuindo com os conteúdos escolares e, sobretudo, com a formação humana e cidadã.

Com esse propósito, foram utilizados as seguintes ferramentas e materiais: violão, DVDs, cartazes, papel, caneta, lápis de cor, aparelho de som, aparelho de DVD, livros etc.

Ressaltamos que, conforme o enfoque dado, um filme pode ser analisado de diferentes formas (portanto é importante saber lidar com essa ferramenta) e, sendo assim, o objetivo era propor atividades em fosse possível exercitar diferentes habilidades, possibilitando a liberdade de criar e procurando focar as percepções e significados das imagens, do som etc.

Após selecionarmos o filme, assistíamos e pontuávamos questões que pudessem ser trabalhadas, haja vista não termos por objetivo tratar o filme como mero recurso audiovisual.

Visando fomentar as discussões e reflexões e, sobretudo, criar condições para o exercício das diversas possibilidades de percepção, após a exibição do filme, adotávamos o seguinte procedimento: montávamos um círculo e cada menina deveria expor, de acordo com a sua vontade, aspectos que avaliou importante ou mesmo que mais gostou no filme.

Feitas tais exposições (que também tinham por objetivo trabalhar com a expressão verbal e/ou oral) procurávamos levantar pontos que avaliávamos importantes, aproveitando o momento e a magia do cinema para reforçar que é sempre possível reconstruir a afetividade, por meio de novas condições, novas possibilidades, novas inserções. Dessa forma, buscávamos construir novos significados, por meio do diálogo com o mundo experimentado e vivenciado, pois a ideia era tentar fazer que, cada uma a sua forma, fosse mais que uma expectadora.

A utilização da linguagem do cinema promove a valorização de conceitos e saberes. Como retrata Xavier (1988), o cinema possibilita ver o mundo e estar a salvo, ocupar o centro, sem assumir encargos.

Dessa forma, o trabalho, integrado a outras linguagens (fala, música, escrita, desenho) buscou contribuir com o reforço da aprendizagem e interação social, pois possibilita externar emoções, sensações, sentimentos, entre outros.

Duarte, citado por Silva (2009), assevera que, atualmente, a educação exige novos pressupostos, como, por exemplo, os que possibilitem a troca de conhecimento por meio de imagem-som e que possam ter valor epistemológico.

De acordo com Silva (2009), utilizar-se do cinema pode ser um dos caminhos de reflexão. Contudo, é necessário ter claro que não se trata de fantasiar uma realidade. Daí a necessidade de uma mediação séria e balizada.

Por sua vez, Moran (1995) ao definir algumas propostas de utilização do vídeo, aponta que um dos propósitos da utilização, está ligado à sensibilização acerca de determinada questão, inclusive, por meio de curiosidade.

Visando sempre estabelecer mediações entre o filme exibido e a vida cotidiana, unindo o imaginário e o real, buscávamos fazer com que fosse possível refletir sobre a sua própria espacialidade, considerando, sobretudo, que o filme permite deslocar virtualmente.

Barbosa (1999, p. 12) assegura que o papel do filme é provocar uma situação de aprendizagem, por isso “*a imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica ...*”.

Por meio dos filmes objetivávamos, sempre de forma lúdica e criativa: recuperar expressões culturais e as histórias da infância; exercitar a linguagem oral e escrita; trabalhar com a representação e expressão corporal (teatro); trabalhar com a argumentação; assegurar uma relação de confiança entre elas e delas para conosco; assegurar uma relação mais afetiva; proporcionar maior integração entre elas; refletir sobre princípios de respeito, sobre preconceito na sua relação com a realidade vivida; produzir diferentes formas de “texto”, por meio da escrita, do desenho, da pintura etc.

Em alguns momentos, a magia e criatividade dos filmes deram lugar ao universo da música. Por muitas vezes, o violão tornou-se instrumento indispensável para promover a expressão por meio do canto e da dança e, nesses momentos, aproveitávamos para passar noções de sons graves e agudos, introduzindo brincadeiras que podiam ser feitas com a própria voz.

As atividades que envolviam música eram desenvolvidas ao ar livre e sempre precedidas da orientação da importância de atentarem e procurarem ouvir os demais sons

do ambiente: sons do próprio corpo (batida do coração, respiração, o salivar etc.), até sons mais distantes como dos pássaros, som de rádio etc.

Exercitando outras formas de percepção e leitura da realidade, buscávamos reavivar sentimentos, valores e atitudes que poderão, inclusive, renovar a confiança e a autoconfiança.

### **3 APONTAMENTOS SOBRE O TRABALHO COM OUTRAS LINGUAGENS**

#### **3.1 O trabalho com filmes**

No decorrer das intervenções, atividades foram desenvolvidas com clássicos infantis, de curta e longa metragem, como: Alvin e os esquilos; A bela adormecida; Meu malvado favorito; O patinho feio; A turma do Charlie Brown e Snoopy Show; O gigante egoísta; Juca e o sapo; dentre outros.

A seguir, nos deteremos no relato de atividades desenvolvidas a partir dos filmes e/ou desenhos animados elencados abaixo:

##### **a) O patinho feio<sup>8</sup>**

Em um dos encontros trabalhamos com o desenho animado, de um clássico conto infantil, “O patinho feio”, que possibilita pensar sobre o sentimento de rejeição, assim como a busca de identidade e de pertencimento, ao mostrar um filhote de cisne que foi chocado e criado por uma pata. Sem saber de sua identidade, foi tratado de forma hostil, desde o nascimento, inclusive, pela ave que acreditava ser a sua mãe. Por ser diferente dos demais, era tido como feio. No entanto, após resolver ir embora, ser hostilizado durante seu trajeto, o mesmo patinho feio, e desprezado em sua infância, se descobre um lindo cisne, encontrando o seu verdadeiro lugar ao lado de criaturas tão belas quanto ele.

A riqueza da história do patinho feio está, dentre outros, na capacidade de nos tocar, de despertar o sentimento de amor ao outro, de solidariedade e de respeito às diferenças. Principalmente por ser em forma de animação, a história foi bem aceita e, sem a pretensão de tentar explicar o seu significado, a partir dela, procuramos destacar que cada um pode ser belo a sua maneira e que, muitas vezes, temos dificuldade em respeitar o que é diferente. No caso, o patinho era considerado feio apenas por não se parecer com os outros patos. Mas, será que podemos estereotipar alguém apenas por ser diferente dos demais? Esse foi o questionamento que norteou a conversa sobre o desenho animado.

Procurando deixar as meninas à vontade, mas, ao mesmo tempo, chamando a atenção para a importância de falar uma de cada vez, de que respeitar a colega que está falando e a sua opinião, sentados em círculo, abrimos uma sessão de conversa para que cada uma relatasse:

- a) Se já conhecia algum conto de fada; quem contou a história para elas etc.
- b) Possíveis experiências de preconceito, não apenas vividas, mas também praticadas.

Após esse relato e reflexão sobre o fato de sermos todos distintos um dos outros, daí a importância do respeito, introduzimos atividades de desenho e pintura, em que deveriam reproduzir, por meio do desenho e coloração, personagens ou cenas da animação que tenham se identificado.

A utilização de apenas dois recursos: lápis de cor e papel, aliado à inspiração advinda da animação infantil, possibilitou significativa integração, produzindo diferentes

sensações e expressões perceptivas. Observamos envolvimento e dedicação na execução da atividade, com cada uma procurando se esmerar no desenho e pintura.

Terminada a atividade, os desenhos foram expostos e cada uma explicou o motivo de ter escolhido determinada cena ou personagem para retratar. Assim, procuramos trabalhar, não apenas a criatividade, mas, a importância do respeito às diferenças (inclusive, o respeito à escolha da cena/personagem e ao desenho feito por cada uma), e também a expressão oral e verbal (à medida que explicavam oralmente suas escolhas); reforçando que atividades lúdicas servem de estímulo a outras atividades educativas e que os contos de fada devem fazer parte de nossas vidas e das vidas das crianças, servindo de aprendizado.

Também ressaltamos que, metodologicamente, o desenho, assim como outras linguagens que vão além da escrita, possibilita exercitar e revelar outra forma de ver e compreender o mundo em que vive, ou seja, no ato de desenhar passa-se a ser sujeito do processo de produção do conhecimento e não apenas mero espectador.

### **b) Alvin e os esquilos<sup>9</sup>**

Em outro encontro, programamos uma atividade que pudesse aliar cinema e representação (teatro), objetivando trabalhar, além da compreensão sobre o filme exibido, a criatividade. Para tal, trabalhamos com o filme “Alvin e os esquilos”, um longa-metragem que se destaca por despertar a atenção do público infantil.

Um dos assuntos abordados foi a importância do convívio familiar, em um contexto em que os esquilos, como protagonistas do filme, órfãos de pai e mãe, encontraram em um humano o amor e a proteção de que precisavam.

Após a exibição do filme, além de reforçar que sempre é possível encontrar em outras pessoas carinho e amparo, passamos à atividade de representação, buscando explorar, por meio do teatro improvisado, a capacidade e liberdade criadora. A orientação era que cada uma recriasse uma cena relacionada ao filme exibido, baseando-se no entendimento que tiveram.

Decidiram recriar a cena de um dos shows dos esquilos. No processo de criação, montaram um grupo musical e deram o nome de “As esquiletes”.

A proposta do teatro foi bem aceita e executada com envolvimento, demonstrando um bom desempenho de participação em equipe na criação da cena, pois se identificaram e se envolveram efetivamente.

No processo de montagem do grupo musical, puderam vivenciar, por meio de uma atividade lúdica, a importância do trabalho em equipe; a importância do envolvimento; a necessidade de respeito às diferenças (algumas se soltaram e outras se mostraram mais tímidas), dentre outros.

Percebemos que atividades dinâmicas como, teatro, música, filmes educativos e a dança, podem ajudar a melhorar o desempenho em outras atividades essenciais para o aprendizado e o trabalho em equipe. Ao evocarem sentimentos, emoções e significados vivenciados veem-se capazes de não apenas imitar a vida, mas também de atuar, interagir e transformar.

### **c) A turma do Charlie Brown e Snoopy Show<sup>10</sup>**

Outra atividade desenvolvida<sup>11</sup> girou em torno de desenhos animados de curta duração (variando de 05 a 22 minutos) da série turma do Charlie Brown e Snoopy Show. Tais desenhos, além de trazer personagens engraçados e apresentar cenas que envolviam

números e conjuntos numéricos, letras do alfabeto etc., trazia também questões ligadas à importância da escola; a importância da persistência; a importância de devolver ao outro aquilo que não lhe pertence; direitos e obrigações; afetividade; respeito; entre outros.

Além do reforço dessas questões foi proposto uma espécie de “desafio”: procurar nos livros presentes na sala de leitura, letras e números que foram mostradas no desenho. O retorno foi positivo, pois todas se puseram a folhear os livros, procurar o que foi proposto e despertar para outras histórias encontradas.

Logo após, pedimos para que cada uma escolhesse um livro e um acadêmico para desenvolver a leitura. Levando-se em consideração o fato delas apresentarem níveis de dificuldade e grau de alfabetização diferenciados, foi possível: a) dar atendimento individual, haja vista que muitas delas, nunca tiveram um momento em que um adulto pudesse dedicar atenção por meio da leitura/contação de uma história infantil; b) incentivar a leitura, por meio da introdução gradativa do mundo dos livros, possibilitando maior participação e entusiasmo no ato de ler.

#### **d) Meu malvado favorito<sup>12</sup>**

Outra atividade, que envolveu a exibição de filme, se deu a partir do longa metragem “Meu malvado favorito”, que conta a história de um vilão que adota três crianças com a intenção de realizar seu plano maligno. Contudo, o encanto das meninas desperta no perverso o sentimento de amor e compaixão, fazendo com que passasse a olhar as crianças como suas verdadeiras filhas.

Sobretudo por se tratar de uma história de redenção, envolvendo uma “luta” do bem contra o mal, traz questões que mexem com o lado emocional e afetivo: a própria afetividade; a importância do incentivo e apoio; a importância do trabalho construído coletivamente; a importância da democracia e do trabalho em equipe; força de vontade, determinação e a questão da diferença.

Como observamos que as meninas viviam em atritos, haja vistas serem diferentes, desenvolvemos uma dinâmica em que cada uma apontava o que via de diferente na outra. A partir disso, reforçamos a questão de que devemos respeitar as diferenças existentes entre as pessoas, para tal, muitas vezes, é preciso tentar nos colocar no lugar do outro, compreender a sua alegria, dor, felicidade ou angústia.

Também aproveitamos a trilha sonora do filme, bastante eclética<sup>13</sup>, para fazer uma brincadeira chamada dança das cadeiras. Na brincadeira, as cadeiras foram dispostas em círculo, em um número menor do que o número de participantes que, por sua vez, dançavam e deveriam se sentar quando o som da música parasse. Quem não conseguisse se sentar, ficava fora da brincadeira e uma cadeira era retirada. E, assim, sucessivamente, até restar apenas uma pessoa.

Por último, por meio de uma brincadeira, que foi denominada “caixinha de surpresa do Malvado favorito”, desenvolvemos uma atividade de representação (teatro improvisado). Dispusemos em uma caixinha mensagens que reportavam a algumas cenas do filme. Sentados em círculo, ao som de uma música (escolhida por elas e executada no violão), a caixinha foi sendo passada de mão em mão. Quando a música parava a pessoa que se encontrava com a caixinha, deveria abrir e retirar um papel. A cena que estivesse descrita no papel, deveria ser representada.

Caso a pessoa que retirou não quisesse representar aquela cena poderia escolher outra cena ou mesmo outra pessoa para representá-la. Assim, procuramos reforçar a

importância do respeito, inclusive, àquelas que não se sentiram a vontade para representar, oferecendo um ambiente favorável às brincadeiras, associadas a situações de integração e, conseqüentemente, de aprendizagem.

### 3.2 O trabalho com música, parlenda e outros

“[...] levante-se dentre os vidros partidos que chegou a hora de cantar. Ajude-me, poema de amor, a restabelecer a integridade, a cantar sobre a dor.”  
(NERUDA, 1977, p. 277)

Como já apontado, o violão foi uma ferramenta bastante presente, possibilitando momentos de descontração e atividades de canto e dança ao ar livre, aproveitando a oportunidade para chamar a atenção para a importância de ouvir os demais sons do ambiente.

Essa foi uma maneira de tentar exercitar a concentração (dando maior atenção aos detalhes do que se ouve ou assiste) e experimentar outras formas de percepção, inclusive podendo expressar suas emoções à medida que muitas delas pediam para que tocasse no violão a música que mais gostava etc.

Outra atividade desenvolvida (e que procurou marcar o dia do folclore, 22 de agosto) estava ligada ao trabalho com parlenda (versos para brincar) e cantigas tradicionais de roda. Considerando que tais atividades envolvem descontração e movimento corporal, objetivamos possibilitar o contato com brincadeiras infantis tradicionais, o despertar da criatividade, enriquecer o conhecimento, assim como resgatar a tradição cultural e do folclore brasileiro, trabalhando características rítmicas, a rima, a memorização, a expressão corporal e permitindo correspondência entre o som e os sinais escritos. Sempre destacando a importância das manifestações culturais serem transmitidas por meio das gerações, para que não se perca a tradição folclórica de nosso país.

Com essa preocupação, buscou-se, além ampliar conhecimentos culturais e a integração, trabalhar com a leitura, diferentes habilidades e movimentos, som, silêncio, controle do corpo (coordenação motora), fazendo com que entrassem em contato com as características desse gênero textual, exercitassem o trabalhar em grupo (sabendo ouvir e dar opiniões), além de desenvolver a oralidade e o próprio raciocínio.

Primeiramente sentamos em círculo e, por meio de uma roda de conversa, procuramos levantar os conhecimentos prévios, explicando que folclore envolve superstições, trovas populares, lendas, parlendas, brincadeiras, rezas, simpatias, crendices, anedotas, mitos, adivinhas, trava-línguas (brincadeiras com palavras), contos, ditados populares e outras expressões da literatura oral brasileira.

Procuramos investigar, sobretudo, se sabiam o que era parlenda e rima. Ainda que isso fizesse parte do seu universo, todas demonstraram desconhecer a nomenclatura “Parlenda” e algumas souberam exemplificar o que era rima. Então, iniciamos explicando o que era denominado parlenda e, por meio de um desafio que envolvia uma (Uni duni tê. Salamê míngue. Um sorvete colore a escolhida foi você), elegíamos alguém para recitar uma parlenda que conhecesse ou algo que se caracterizasse como rima, trava-línguas etc. Houve envolvimento e algumas meninas apresentaram rimas e recitaram parlendas como: Batatinha quando nasce; Um dois, feijão com arroz; Quem cochicha o rabo espicha, Serra, serra; Hoje é domingo pé de cachimbo; Rei, capitão, soldado, ladrão etc.

A fim de introduzir noções básicas de Geografia, escolhemos as cantigas apresentadas no quadro baixo e, a partir delas, fomos inserindo questões que envolviam as diferentes regiões do país, procurando destacar o quanto o Brasil é grande e diverso e que a nossa cultura se constitui por diferentes formas de falar, vestir, comer e também por diferentes crenças. Com

o auxílio de um mapa do Brasil, fomos mostrando onde ficavam os estados citados na cantiga (Pernambuco, Ceará e Piauí), quantos estados havia no Brasil, em que estado residíamos e quais as principais características de nosso estado, destacando a presença dos povos indígenas.

<b><u>O trem maluco</u></b>	<b><u>Boi da cara preta</u></b>	<b><u>Indiozinhos</u></b>
<b>O trem maluco Quando sai de <u>Pernambuco</u> Vai fazendo chic chic Até chegar no <u>Ceará</u> Rebola, bola Você diz que dá na bola Mas na bola você não dá.</b>	<b>Boi, boi, boi Boi da cara preta Pega este menino Que tem medo de careta Boi, boi, boi Boi do <u>Piauí</u> Pega este menino Que não gosta de dormir.</b>	<b>Um dois três indiozinhos Quatro cinco seis indiozinhos Sete oito nove indiozinhos Dez num pequeno bote</b>

No tocante à questão dos povos indígenas, apresentamos a parlenda dos indiozinhos, que todas cantaram, e, a partir dela introduzimos uma discussão, que permitiu estabelecer relações sobre a realidade dos povos indígenas e o seu aldeamento.<sup>14</sup> Assim, ao mesmo tempo em que, por meio da parlenda, tentávamos introduzir noções de comparação e transformação (quantos indiozinhos tinham, quantos entraram ou saíram e quantos ficaram), também tentávamos pontuar os motivos pelos quais a população indígena vinha passando por sérios problemas, destacando o caso dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul, sobretudo da reserva indígena de Dourados. Vale referenciar que Dourados conta com uma Reserva Indígena (aldeias Jaguapiru e Bororó), com aproximadamente 16 mil habitantes dos grupos indígenas Guarani (Ñandéva e Kaiowá) e Terena, distante apenas dois quilômetros do tecido urbano. Inclusive, algumas das meninas abrigadas, eram indígenas.

Ao final, propusemos que quem quisesse poderia criar sua própria parlenda, rima ou trava-línguas, baseada ou não em outras já conhecidas. Assim, chegamos a um momento de descontração, por meio do resgate do encanto, da poesia e da sabedoria das manifestações culturais brasileiras, contadas e reinventadas através do tempo.

Por último, porém muito importante, registramos uma das primeiras atividades desenvolvidas (no mês de março) e que visou marcar o dia internacional da mulher. Ressaltamos que o dia da Mulher é comemorado para lembrar a importância da luta pela valorização, igualdade e combate à violência contra a mulher em nossa sociedade. Reforçamos também como o papel da mulher mudou nos últimos anos e explicamos de forma bem simples, o porquê da comemoração e da escolha da data como Dia Internacional da Mulher.

Objetivando promover a reflexão sobre a importância da mulher e levá-las a interagir, com materiais como: cartaz, caneta, cola, papel, fizemos uma espécie de mural, onde cada uma pudesse desenhar ou escrever algo sobre a mulher. Algumas escreveram e outras fizeram desenhos como coração, flores etc., mas todas participaram, ainda que algumas de forma mais efetiva.

Em seguida, o violão entrou em cena e músicas relacionadas ao dia internacional da mulher foram cantadas.

Ao final, foi proposto a elas que escolhessem uma colega e fizessem um elogio; dissesse algo carinhoso; ressaltasse alguma característica que avaliasse positiva; oferecesse uma música, que poderia ser executada no violão etc.

Essa foi uma maneira de tentar, não apenas chamar a atenção para a importância do respeito pela mulher, mas também de oportunizar a socialização, promover a integração, possibilitando exercitar e externar a afetividade e o companheirismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido envolveu desafios e uma experiência inegável, a medida que fomos levados a construir caminhos metodológicos, possibilitando o nosso próprio aprendizado.

No processo de construção de caminhos, percebemos que mais do que trabalhar conceitos ou conteúdos ligados as matérias escolares, tornava-se fundamental propiciar o contato com o universo lúdico, haja vista que, a muitas daquelas meninas, o próprio direito a infância havia sido negado.

De forma despretensiosa, sentíamos a importância de tentar contribuir com a “utopia da humanização”<sup>15</sup> e assim adotamos uma linguagem mais plural e que envolvia, além de filmes e desenhos animados, contação de histórias, desenhos, pinturas, poesia, parlenda, representação e, sobretudo, música, fazendo com que o lado lúdico entrasse em cena e pudesse funcionar como suporte no processo de aprendizagem.

Nesse caminhar, ao tempo que era importante possibilitar novas “criações”, ficava claro que precisávamos desafiar nossas “certezas” para tentar adentrar naquele universo por meio de uma proposta de valorização da criança e/ou da adolescente, permitindo que fossem sujeitos.

Procurando não rejeitar o que não podíamos incluir dentro de nossa estreita compreensão, era necessário abrir-se ao novo, exercitando nossa capacidade de escutar o que tinham a dizer e passando a “inventar comportamentos para as coisas”.<sup>16</sup>

Nesse processo de “inventar comportamentos para as coisas”, partimos do pressuposto de que se pode construir e possibilitar conhecimento por meio de atividades lúdicas, contribuindo assim, para o próprio processo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, procuramos desenvolver novas formas de trabalhar, dando, sobretudo, oportunidade para que as meninas dessem vazão ao seu universo lúdico e vivenciassem o direito à infância, haja vista que concordamos com Mia Couto quando assegura que: “*A vida é demasiado preciosa para ser esbanjada num mundo desencantado.*” (2009, p. 13). Assim, era premente a importância em dar àquelas meninas a possibilidade de uma infância que deveria ser respeitada em seus interesses, curiosidades etc., proporcionando, a liberdade criadora e, conseqüentemente, o encontro com seu próprio universo.

Percebemos que muitas meninas, conforme já apontado, demonstravam dificuldades na leitura e, algumas, desconheciam as letras do alfabeto, ou seja, não sabiam ler nem escrever. Não conjugavam verbos e nem usavam os pronomes da forma considerada correta. Nesse sentido, atividades que envolvessem textos se tornavam de pouco interesse e de difícil entendimento para elas. A partir dessa constatação, entendemos que para despertar o interesse, inclusive, pela leitura, contação de histórias e atividades que trouxessem figuras poderiam facilitar a compreensão e tornar as atividades mais dinâmica e prazerosa.

Passamos a envolver imagens, desenho, pintura etc. e percebemos que, ainda que algumas meninas desconheciam as letras do alfabeto, dominavam e faziam aflorar, quando estimuladas, outras formas de “leitura”. Isso nos fez perceber que há coisas que não se ensina e nem mesmo se explica, apenas se sente e se abre para enxergar. Nessa perspectiva, não nos colocamos como quem ensina, mas como quem também aprende tentando ensinar. Essa constatação, propiciou um ambiente de reflexão, inclusive, sobre nossa própria prática.

Apesar dos desafios, as intervenções se configuraram em um espaço de encontro e de trocas. Pudemos observar, ao longo deste período, diferença no comportamento e no relacionamento entre elas, além de maior interesse pela leitura, mais criatividade na execução de atividades e maior atenção nos detalhes do que assistem e ouvem, reforçando a importância do projeto como um instrumento no processo de aprendizagem, oportunizando ainda a compreensão da realidade vivida.

Vale destacar ainda, o contato com a linguagem audiovisual e o desenvolvimento do gosto pelo cinema e do senso crítico, promovendo a integração, além de oferecer um aprendizado cultural e artístico. Ao tempo que possibilita outras formas de percepção, os efeitos sensoriais e visuais proporcionados, revelaram uma forma de assegurar o interesse e atenção das expectadoras, muitas delas, já expostas a situações de violência advinda da carência social e que apresentavam comportamento agitado.

A cada encontro, percebia-se maior envolvimento e integração. Por meio das brincadeiras, além de amadurecerem a capacidade de socialização, acabavam desenvolvendo outras habilidades importantes, como: representação, atenção, memória, imaginação, além de autoconfiança, noções e experiência de regras e de respeito.

Desse modo, ficou claro para nós que as brincadeiras, que respeitam as características da infância, são atividades de estimulação e contribuem, sobremaneira, para o desenvolvimento de outras habilidades e potencialidades física, emocional e social, possibilitando outra forma de olhar o mundo.

## NOTAS

2 Por tratar-se de um relato de experiência, neste texto, não temos a pretensão de adentrar na discussão conceitual e, sendo assim, muitos conceitos serão usados em seu sentido restrito.

3 Projeto (Edital ProEXT/UFMGD - Número: 4815.2.6941.22042014) coordenado por Verônica Aparecida Pereira – Faculdade de Ciências Humanas - FCH/UFMGD e desenvolvido no período de janeiro de 2015 a dezembro de 2016.

4 Ressaltamos que, para esta atividade, contamos com o trabalho do bolsista de extensão, acadêmico do Curso de Geografia, Cleber Lucas Rodrigues, a quem agradecemos o envolvimento.

5 A referida instituição foi fundada em 21/02/1988, pelo Pastor João Batista de Oliveira. Atualmente, funciona no sistema casa-lar e atende a crianças e adolescentes, do sexo feminino.

6 Outro aspecto importante a ser ressaltado é que nossa aproximação com essa realidade se deu a partir da relação que construímos com o Grupo de Apoio à Adoção em Dourados - GAAD Acolher, organização sem fins lucrativos, criado em 2011 e que atua como ambiente de apoio, sensibilização, reflexão e compartilhamento de situações e vivências sobre a adoção e seus desafios. Para maiores informações: [www.gaadacolher.blogspot.com.br](http://www.gaadacolher.blogspot.com.br) E-mail: [gaadacolher@gmail.com](mailto:gaadacolher@gmail.com)

7 Ressaltamos que todas as intervenções contaram com a colaboração da equipe de apoio da instituição: psicóloga, mãe social, assistente social e motorista, a quem agradecemos.

8 O Patinho feio é um conto de fadas, escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado pela primeira vez em 1843.

9 Direção: Tim Hill (2008). Gênero: Comédia, Animação. Nacionalidade: Eua.

10 Disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCtdr6VJdAo> [https://www.youtube.com/watch?v=auq\\_3eL87C8](https://www.youtube.com/watch?v=auq_3eL87C8)

11 Nessa atividade, além dos bolsistas do PET do curso de Letras e artes cênicas, contamos com a presença de dois acadêmicos do curso de Geografia.

12 Direção: Chris Renaud, Pierre Coffin (2010). Gênero: Animação. Nacionalidade: EUA.

13 Percebemos que a maioria das meninas só conhecia música sertaneja ou funk. E essa foi uma forma de apresentar outros gêneros musicais.

14 Entre os anos de 1915 e 1928, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) criou oito reservas indígenas no sul do então estado de Mato Grosso (CRESPE, 2015).

15 CAMBI (1999).

16 Barros (2010).

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, V. A. **Afetividade e cognição**: rompendo a dicotomia na educação. Disponível em: <http://hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. 2002. Acesso em: 14 maio 2016.
- AZEVEDO, R. **Meu livro de folclore**: um punhado de literatura popular. São Paulo: Ática, 1997.
- BARBOSA, J. L. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
- BARROS, M. de. **Obra completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOTURA, W. **Agressões silenciosas**. São Paulo: República Literária, 2001.
- CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998.
- CORSO, D. L., CORSO, M. **Fadas no Divã**. A psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COUTO, M. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CRESPE, A. C. **Mobilidade e temporalidade Kaiowá**: do Tekoha à reserva, do tekoharã ao Tekoha. 2015. 428f. Tese (Doutorado em História) – FCH/UFGD, Dourados, 2015.
- DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FOREMAN, M. **O jardim de uma criança**. Uma história de esperança. São Paulo: Alles Trade, 2009.
- MORAN, J. M. Os vários usos do cinema e vídeo na escola. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/ Ed. Moderna, n. 2, jan./abr. 1995.
- NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.
- NERUDA, P. **Confesso que vivi**. São Paulo: Difel, 1977.
- ROSA, S. da. **Brincar, conhecer e ensinar**: questões de nossa época. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, B. N. Cinema e a sala de aula: um caminho para a formação. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 93, fev. 2009. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/093/93silva.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2016.
- SANTAELLA, L. Palavra, imagem & enigmas. **Revista USP**, São Paulo, v. 16, p. 36–51, dez./fev. 1992-1993.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: 1996.
- XAVIER, I. Cinema: revelação e engano. In: **O olhar e a cena**: melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 31-57.

## Sites consultados

- KISHIMOTO, T. M. **Brincadeiras na educação infantil**. 2002. Disponível em: <http://pedagogiaaopedaletra.com/brincadeiras-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- MAYA, M. **Resumo do projeto**: filosofia, cinema e educação. 2009 Disponível em: [www.cinefilosofiauesb.blogspot.com](http://www.cinefilosofiauesb.blogspot.com). Acesso em: 14 jun. 2016.
- SANTOS, G. da C.; NERY, M. A. A. M. **A importância de brincar na educação infantil**. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar). Curso de Pós-Graduação e Extensão, Faculdade Atlântico, Aracaju, s.d. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/cursoraizes/a-importancia-de-brincar-na-educao-infantil-monografia-pronta>. Acesso em: 15 ago. 2016.